



FÁBULAS: O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA.

Eixo 05 – Educação, Comunicação, Informação, Direitos humanos e Cidadania.

Cintia Maria de Cerqueira Soares¹

Felipe Lisonjeado²

RESUMO

O presente artigo relata o uso das fábulas na contação de história no âmbito educacional. Sendo assim, o objetivo do texto é realizar um diálogo sobre a importância do contato da criança com a literatura. Pois a partir deste contato, a história torna-se um veículo importante para formação de novos leitores e permite uma relação da criança com o mundo em que vive. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica considerando as contribuições de autores como HAMPATE BÂ (1980), ADICHIE (2019), TASSI (2020), entre outros, procurando trazer um alerta sobre o conhecimento que é construído através das histórias que lemos e escutamos. Quanto maior for o número de narrativas que tivermos acesso, mais ampla e assertiva ficará nossa compreensão sobre determinado assunto. Conclui-se, que ao nos aproximarmos de uma criança, precisamos tecer a sua identidade, origem, local de convivência, as suas concepções enquanto estudante, expressões sociais, o seu legado cultural, saberes e culturas vivenciadas e construídas.

PALAVRAS-CHAVE: Criança; Fábulas; História; Literatura.

ABSTRACT

This article reports on the use of fables in storytelling in the educational field. However, the objective of the text is to conduct a dialogue about the importance of the child's contact with the literature. Because from this contact, history becomes an important

¹ Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana e graduada em Pedagogia por essa mesma instituição, especialista em Psicopedagogia e Atendimento Educacional Especializado. Já atuou em formação de professores e como professora no Ensino Superior nas disciplinas de Didática e Metodologia do Ensino da Matemática. Atualmente, atua como professora dos segmentos da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Infantil na rede pública Municipal de Feira de Santana. Contadora de histórias, produtora de conteúdo digital e junto com o contador de histórias, Felipe Lisonjeado, compõe o elenco e produção do Pipa's Liter'Arts Produções Culturais.

² Acadêmico do Curso de Licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Compõe a atual gestão do Diretório Acadêmico de Letras - José Jerônimo de Moraes como Diretor Geral, representando o Curso de Licenciatura em Letras Vernáculas da instituição. Bolsista de Extensão do Programa de Extensão "Observatório de Contação de Histórias" da ação "Cacimba de Histórias". Com experiência na área de Contação de Histórias, Literatura e Produção digital de eventos. Além disso Felipe Lisonjeado é criador de conteúdo literário digital e apresentador e criador do "Papo Lisonjeado". Ao lado, da também contadora de histórias Cíntia Maria, compõe o elenco e produção do Pipa's Liter'Arts Produções Culturais.



vehicle for the formation of new readers and allows a relationship between the child and the world in which he lives. A bibliographic research was carried out considering the contributions of authors such as HAMPATE BÂ (1980), ADICHIE (2019), TASSI (2020), among others, seeking to bring an alert about the knowledge that is built through the stories we read and hear. The greater the number of narratives we have access to, the broader and more assertive our understanding of a given subject will be. It is concluded that, when we approach a child, we need to weave his identity, origin, place of coexistence, his conceptions as a student, social expressions, his cultural legacy, knowledge and cultures experienced and built.

KEYWORDS: CHILD; FABLES; HISTORY; LITERATURE.

1 INTRODUÇÃO

Quando falamos sobre histórias na educação somos remetidos em primeira instância a textos destinados a crianças como contos clássicos, livros de autores infantis, fábulas, etc. E nesse ambiente de leitura mostramos nossa curiosidade, interesse e disposição para entender o mundo. Contudo, mediante os discursos de ideias subentendidas em textos diversos precisamos ficar atentos aos contextos que se encarregam de meios, nos quais controlam o que deveria ser dito, um fenômeno que podemos denominar de uma história única.

As fábulas, especialmente, nos fazem refletir sobre esse olhar unilateral da história quando nos remetemos a sua “moral”. Elas atraem o olhar/sentido daqueles que as ouvem, a partir de experiências e associações. As intervenções do contador e dos parceiros de escuta influenciam no julgamento e moralização das narrativas, construindo, em cada um deles, uma história própria e coletiva ao mesmo tempo, com características de autoria.

O contador deve brincar com seu próprio imaginário, entrar “seriamente” no reino do “faz de conta”, para colocar-se ao lado dos personagens ou na “pele” deles, para só então retornar desse reino fantástico como um viajante que viu, que ouviu, que esteve lá e que agora já pode contar. (MATOS; SORSY, 2009 p.28).

Assim, quando se traz a leitura de fábulas na escola, as quais possuem uma narrativa moralizante, pode-se esperar que as crianças aprendam a forma de como vivemos em sociedade ao mesmo passo que adquiram conhecimento vasto sobre várias situações que possam vivenciar futuramente.



2 DESENVOLVIMENTO

A fábula é um gênero narrativo muito antigo encontrado praticamente em todas as culturas humanas e em todos os períodos históricos. É uma narrativa curta, muito simbólica, pois critica as atitudes humanas ou aconselha as pessoas. Podem ser escritas em prosa ou versos. Seus personagens, geralmente são animais que representam alguma atitude, característica humana – virtudes e defeitos. Textos deste gênero terminam a narrativa com uma lição de moral. Apesar de se assemelharem às histórias infantis, as fábulas foram criadas inicialmente para serem contadas a adultos, com o objetivo de aconselhá-los e distraí-los.

A fábula é uma narração alegórica, cujos personagens são, geralmente, animais, e que encerra em uma lição de caráter mitológico, ficção, mentira, enredo de poemas, romance ou drama. Contém afirmações de fatos imaginários sem intenção deliberada de enganar, mas sim de promover uma crença na realidade dos acontecimentos. A fábula seria, portanto, uma narração em prosa e destinada a dar relevo a uma ideia abstrata, permitindo, dessa forma, apresentar, de maneira agradável, uma verdade que, de outra maneira, se tornaria mais difícil de ser assimilada. (LIMA; ROSA, 2012)

No Brasil, a fábula começou com Monteiro Lobato que utilizou toda sua genialidade, através dos personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo, para reescrever inspirado nas fábulas de Esopo e La Fontaine, nas quais na versão do brasileiro, ressurgem com saber todo especial. Monteiro Lobato reconta em prosa esses textos trazendo após a narrativa, discussões sobre o tema abordado na fábula. Também podemos citar outros fabulistas brasileiros que são Donaldo Schüler e Millor Fernandes, esses mais contemporâneos, que recriaram as fábulas de maneira irônica, através de situações do cotidiano moderno.

Segundo Fernandes (2001), fábula é um gênero que, como tantos outros gêneros narrativos, registra as experiências e o modo de vida dos povos. Seu objetivo é trazer reflexões quanto a valores, tais como respeito, diferenças, amizade, companheirismo, dentre outros. Em relação à moral nas fábulas, Góes (1991) afirma:

A moral contida nas fábulas é uma mensagem animada e colorida. Uma estória contém moral quando desperta valor positivo no homem. A moral transmite a crítica ou o conhecimento de forma impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato. Isso levou a pensar que essa narrativa da



moralizante nasceu da necessidade crítica do homem, contida pelo poder da força e das circunstâncias. (GÓES, 1991, p. 144)

De acordo com autor, a moral da fábula traz um ensinamento de forma que o ser humano perceba a forma prudente de se relacionar e viver em sociedade, buscando sempre ser levado por bons sentimentos. Essa mensagem é trazida sem dar exemplos pessoais mostrando uma visão geral de como agir em dadas situações ou em questões semelhantes. A moral pode então, ser vista como um ensinamento e, ao mesmo tempo, ser uma crítica à ação humana. Assim, quando se traz a leitura de fábulas para a escola, as quais possuem uma narrativa moralizante, pode-se esperar que as crianças aprendam a forma de como vivemos em sociedade ao mesmo passo que adquiram conhecimento vasto sobre várias situações que possam vivenciar futuramente.

A literatura infantil estimula a imaginação da criança sendo uma importante ferramenta que auxilia neste processo de aprendizagem, ajudando a desenvolver também a linguagem, tendo um caráter educativo, pois desperta diferentes emoções e ajuda a desenvolver a leitura e a escrita, distraindo e instruindo a criança.

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer, plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 2008, p.106).

A literatura infantil trabalha o imaginário da criança, pois a mesma se envolve com o enredo, mostrando-se mais sociável, aprendendo a conviver com os colegas sendo perceptiva e ao mesmo tempo receptiva. Um mundo de conhecimento se abre com a literatura, possibilitando novos leitores, pois as histórias contadas atraem, alegam, mexendo com as emoções de forma diferente de criança para criança, sendo a leitura um veículo importante na vida dos pequenos que permite aprender com o que se passa na vida dos personagens e trazendo para sua realidade, nos conflitos em que se encontra, é a sua forma de crescer e de poder ver o mundo nas histórias das fábulas permitindo uma relação com o mundo em que vivem, proporcionando não só o prazer da leitura como também a formação de leitores.

A literatura infantil desenvolve não só a imaginação das crianças, como



também permite que elas se coloquem como personagens das histórias, das fábulas e dos contos de fada, além de facilitar a expressão de ideias. Sendo assim, o objetivo da literatura infantil é o de formar leitores, pois por uma série de características e fatores ela desempenha esse papel melhor do que a literatura adulta, uma vez que é mais convidativa. O que se procura hoje é assegurar ao maior número de pessoas possíveis o direito de ler. (CAGNETI apud TASSI, 2002, p.2).

Nosso conhecimento é construído pelas histórias que lemos e escutamos. Quanto maior for o número de narrativas que tivermos acesso, mais ampla e assertiva ficará nossa compreensão sobre determinado assunto. Ao trazermos a análise não só de uma única versão da história, nos propomos a trilhar caminhos de leitura levando em consideração a diversidade de pensamento. Segundo Chimamanda Ngozi Adiche (2009), “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.”. Ou seja, não permitimos que seja discutido outras formas de solucionar os problemas propostos pela narrativa, como também não damos espaço para conhecer uma versão diferente da história, vista por ambos personagens e, dessa forma, conhecemos apenas uma verdade: a apresentada pelo autor. A criticidade do perigo em levarmos em consideração uma única versão de uma história nos permite analisar as relações de poder e estereótipos que estão camuflados nela.

Ou seja, existem hoje diversas “únicas históricas” sendo contadas constantemente em diferentes lugares, por diferentes pessoas. Como ser humano, qualquer um está sujeito a isso — a ser ouvinte ou emissor dessas histórias —, não estando livre de formular padrões sobre o outro.

No mundo contemporâneo precisamos construir pontes para uma compreensão intercultural mais afinada. As histórias lidas na infância descrevem o mundo ainda não visto. Para a criança é sua base para as verdades do que ainda é desconhecido por ela. A ingenuidade das primeiras leituras, a interpretação acerca do “novo mundo” são impressionantes e vulneráveis.

As histórias despertam a nossa imaginação. Ler ou escutar apenas uma única versão no faz percorrer um único caminho interpretativo dela. Nos impossibilita de criar possibilidades e fazer conexões diversas e adversas. Literar por histórias tendenciosas nos faz migrar para o negacionismo de impossibilidades.



A autenticidade da verdade de uma história única é criada a partir de fatos repetidos e disseminados com insistência entre os meios de comunicação e a literatura quando não se tem a oportunidade de conhecer o outro lado da narrativa.

A proliferação de uma única versão de uma história está intrinsecamente relacionada a relações de poder. O poder não é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva nos afirma ADICHE (2019, p.23).

A história única furta a dignidade das pessoas e dos lugares. Afirma a indiferença. Todas as histórias são relevantes e ao mesmo tempo a obviedade das histórias e as sutilezas da intimidade devem preservá-las, amorosamente e politicamente, de forma interligada e genuína.

Nós, seres humanos, somos feitos de histórias. Tudo o que sabemos e transmitimos é história, é construção social. Pensar nos perigos de uma história única vai bem mais além, portanto, de apenas ouvir os dois lados da história. Nos livrarmos das armadilhas da história única requer rever nossos próprios conceitos, pensar e pelo menos tentar entender o porquê pensamos determinadas coisas sobre pessoas, entidades, países etc.

Dessa forma, se faz necessário a análise da prática pedagógica de docentes nas escolas da educação básica no sentido de como está sendo feita a leitura das fábulas e como está sendo tratada a compreensão dos alunos acerca dessas histórias. Por conseguinte avaliar como está sendo explorada a compreensão das crianças acerca das situações trazidas pelas fábulas e como as mesmas enxergam os personagens e as resoluções feitas. Assim como também analisar como é feita a seleção desses textos e como se dá o planejamento para leitura e exposição dessas fábulas, tendo em vista diagnosticar e refletir sobre as histórias e os contextos que elas são tratadas na escola com as crianças. Essa formação inicial de leitores ainda na infância no leva a refletir com criticidade acerca do perigo em levarmos em consideração uma única versão de uma história analisando as relações de poder e estereótipos que estão camuflados nela. Para tanto, se faz necessário obter uma visão geral sobre o assunto, suas concepções e a caracterização dos contextos da realidade das escolas.



O discurso construído pelas crianças através da escuta das fábulas, contribui para observarmos as possibilidades de compreensão de identidade social relacionada com o contexto dessas histórias, confrontando a interpretação da “moral” com a análise tendenciosa da versão de uma “histórica única”. A interpretação crítica feita pelas crianças ao se deparar com a leitura de fábulas desconstrói a ideia unilateral do contexto dessas histórias e não relaciona o contexto valorativo dado às histórias, em especial as fábulas com as estratégias discursivas da produção de sentido dado aos procedimentos textual- discursivos característicos das fábulas.

A seleção de fábulas utilizadas no planejamento escolar dos professores que atuam na Educação Infantil deve se atentar se há um equilíbrio na escolha dessas histórias levando em consideração a desconstrução dos estereótipos e a preocupação com a única versão dessas narrativas, refletindo sobre os sentidos culturais e educacionais das fábulas no momento da contação de história e analisando a construção de postura, de respeito e de convivência harmônica entre os pares frente à diversidade étnico- cultural, bem como observando o entendimento e a construção da identidade cultural. No contexto das histórias a aproximação que há entre a criança e os personagens do ponto de vista do comportamento, dos sentimentos e até das emoções relaciona-se com situações em que o leitor se identifique por vivencia-las.

As histórias podem ser utilizadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de uma pessoa, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. De acordo com Hampaté Bâ, escritor, etnólogo e mestre de culturas tradicionais africanas, nascido em Mali no ano de 1900, a palavra tem origem divina e, através da tradição oral, essa origem revela-se ao entendimento humano. O ser humano, por sua vez, está ligado à palavra que profere, “a própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra” (HAMPATÉ BÂ, 1980, p. 168).

Dessa maneira, nas histórias tudo está integrado: o espiritual, o material, a ciência, a arte, o conhecimento, o divertimento. A partir dessa abordagem, observamos que as histórias expressam os diversos aspectos da vida e integram experiências concretas, culturas, espiritualidade, simbologias, saberes. Ao considerar que na escola pululam encontros de gerações, de sujeitos, práticas e culturas diversas, observamos que



experiências de autonomia e protagonismo das crianças podem acontecer nas salas de aula, nos pátios, nas bibliotecas. De acordo com Miguel Arroyo (2000), ao afirmar que mesmo diante dos processos de dominação ou subalternidade, há outra escola emergente nas rotinas cotidianas, nos problemas, na interação entre as pessoas, nas tensões presentes nas práticas educativas.

Desse modo, “por maior que seja a desumanização que as estruturas sociais e políticas submetem a infância, [...] em todas as escolas encontramos surpresas. ” (ARROYO, 2000, p.137). Muitas surpresas podem acontecer nos momentos de contação de histórias. Várias surpresas podem surgir no encontro adulto-criança quando os adultos se abrem para escutar as formas singulares de socialização, de organização de experiências, de produção de conhecimentos, de expressão do potencial criativo e poético, de resistências presentes na infância.

A partir das observações de crianças leitoras de fábulas, observamos a compreensão crítica que elas têm dessas histórias bem como suas competências e habilidades que se concentram no campo da linguagem, buscando a ampliação do contato e a análise mais fundamentada da arte de ouvir e ler histórias de fábulas. Trata-se, assim, de compreender a literatura por meio das fábulas como expedientes que permitem (re) conhecer diferentes maneiras de ser, pensar, (re)agir, sentir e, pelo confronto com o que é diverso, desenvolvendo uma atitude de valorização e de respeito pela diversidade, visando um processo de ensino aprendizagem eficaz e com maiores possibilidades de compreensão de mundo por parte das crianças.

A partir dessas observações, estaremos nos permitindo analisar atividades desenvolvidas pelos alunos envolvendo textos do gênero fábula, possibilitando compreender as associações desenvolvidas na oralidade, leitura e escrita através desse gênero. A interpretação concebida através dos conhecimentos prévios acerca do gênero fábula devem levar em consideração o outro lado da história com relação ao que se denomina de “moral” da história refletindo sobre a fragilidade de se analisar uma única versão do conto ou um dos lados da aplicabilidade dessa “moral”.

Com a escuta generosa é possível propiciar às crianças a compreensão de que suas narrativas têm correspondência com as formas como elas agem e interpretam o mundo. Luciana Hartmann (2014) afirma que as vozes das crianças podem nos ensinar



muito sobre os processos de socialização, de organização de suas experiências, pois, em interação com os pares e com os adultos, as crianças estão produzindo cultura, constituindo modos de viver, de se relacionar, de se expressar, inclusive (ou principalmente) por meio de suas narrativas.

Assim, a influência do contador e dos parceiros de escuta resultam no julgamento e moralização das narrativas, construindo, por fim em cada um, narrador e ouvintes, uma história própria e coletiva ao mesmo tempo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange as crianças que frequentam as escolas é importante sinalizar que entre elas há um movimento de conexão entre semelhanças e diferenças, mesmo que seja possível identificar pontos comuns, as crianças são plurais em relação às experiências cotidianas, às formas de apropriação e criação de saberes e culturas. Em diálogo com Sarmiento (2005), concordamos que elas são eminentemente multiculturais, pois, possuem modos distintos de simbolização do mundo, formulam diferentes interpretações dos outros, de si próprias, dos pensamentos, dos sentimentos, da sociedade.

Portanto, ao nos aproximarmos de uma criança, precisamos tecer a sua identidade, origem, local de convivência, as suas concepções enquanto estudante, expressões sociais, o seu legado cultural, saberes e culturas vivenciadas e construídas. Essas reflexões são imprescindíveis pois aguçam o olhar para percepção das diferenças e ampliam horizontes, para escutar as crianças, como sujeitos de múltiplas histórias.

As histórias tocam o coração e enriquece a leitura de mundo na trajetória de cada indivíduo, elas estão ligadas diretamente ao imaginário infantil. E o uso dessa ferramenta incentiva não somente a imaginação, mas também o gosto e o hábito da leitura; a ampliação do vocabulário, da narrativa e de sua cultura; o conjunto de elementos referenciais que proporcionarão o desenvolvimento do consciente e subconsciente infantil, a relação entre o espaço íntimo do indivíduo (mundo interno)



com o mundo social (mundo externo), resultando na formação de sua personalidade, seus valores e suas crenças.

Ao analisar de forma unilateral o contexto das histórias, em especial das fábulas, percebemos que as histórias representam indicadores efetivos para situações desafiadoras, assim como fortalecem vínculos sociais, educativos e afetivos. As histórias utilizadas como ferramenta para o desenvolvimento de uma criança, desperta nelas pequenos leitores e as estimula para o mundo da imaginação, criticidade e criação enriquecendo o desenvolvimento da sua personalidade.



REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADICHIE, C. N. **Os perigos de uma história única**. Oxford: Conference Annual – Technology, Entertainment and Design - Ted Global, 2009. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>>. Acesso em 30 de dezembro de 2020.

ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FERNANDES, M.T. O. S. **Trabalhando com os gêneros do discurso**. Narrar: fábula/ coleção Jacqueline Peixoto Barbosa – São Paulo: FTD, 2001 – (Coleção trabalhando com os gêneros de discurso).

GÓES, Lucia Pimentel – **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. Ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

HAMPATE BÂ, A. **A tradição viva**. In: KI-ZERBO, J. (Org.) História Geral da África. São Paulo: Ed. Ática/UNESCO, 1980.

HARTMANN, L. **Arte e a Ciência de contar histórias: como a noção de performance pode provocar diálogos entre a pesquisa e a prática**. Moringa. João Pessoa, V. 5 N. 2 Julho, 2014.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. 13ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2008.

LIMA, Renan de Moura Rodrigues; ROSA, Lúcia Regina Lucas. O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. **CIPPUS - Revista de Iniciação Científica do Unilasalle**, v. 1, n. 1, maio, 2012.

MARCUSCH, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. DIONISIO, Angela Piava; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.) Gêneros Textuais e Ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.



MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

LIMA, Renan de Moura Rodrigues; ROSA, Lúcia Regina Lucas. O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. **CIPPUS - Revista de Iniciação Científica do Unilasalle**, v. 1, n. 1, maio, 2012.

PORTELA, Oswaldo O. **A fábula**. Revista Letras, v.32, 1983. Disponível em <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19338/12634>>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

SANTOS Elma Jane das Virgens Silva. **Leitura de fábulas em sala de aula**, 2012 Feira de Santana. Disponível em: <http://www2.uefs.br/dla/graduando/n4/n4.13-23.pdf> acesso em 29/12/2020

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. Educação e Sociedade. Campinas, v. 26, n. 91, p.361-378, 2005.

TASSI, Adelaide da Rosa. **A importância da literatura infantil para o desenvolvimento e aprendizagem da criança**. Porto Alegre: [s.n.], 2002. Disponível em: . Acesso em: 28 de outubro de 2020.